

As migrações forçadas no texto para crianças e jovens

Fronteiras entre ética e estética

Ana Crelia Penha Dias

^{1*}Universidade Federal do Rio de Janeiro / anacrelia@gmail.com

Resumo:

A partir do tema migrações forçadas, este texto pretende discutir os limites entre as formas do literário, do paradidático e do informativo em publicações dirigidas a crianças e jovens.

Palavras-Chave: Literatura infantil e juvenil; livro paradidático; livro informativo; migrações forçadas.

^{1*} Professora adjunta, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Rio de Janeiro, Brasil.

A mimese é sempre uma forma de poiese.
— Antonio Candido

1. Entre o ético e o estético: a literatura empenhada²

A narradora de *El corazón del daño*, obra publicada em 2022, da escritora argentina María Negroni, em certo momento afirma que “la literatura es una forma elegante de rancor”³. Numa escrita em que o caráter híbrido da forma oferece caminhos entre a ficção e a biografia, traz à cena elaborações de uma mulher que escreve sobre a relação com a mãe e com a escrita, tensionadas em forma e fundo nas páginas da obra. Perguntada em entrevista sobre a frequência da temática do exílio em suas obras, respondeu que “no es algo que surja todo el tiempo, per fue importante en mi formación”⁴, deixando entrever que a experiência vivida atravessa a escrita, mas não importam na ficção os acontecimentos, e sim o que não ocorreu, as brechas e o silêncio: “Lo quiero es que se lea como literatura y a la literatura no le interesa la verdad (...) No hay otra verdad que la verbal para la literatura”⁵.

Como pano de fundo, ou tecido sobre o qual se tecem as verdades literárias, a relação entre criação e experiência histórica atravessa a escrita de autores, de diferentes épocas e nacionalidades. Se não é função do fazer literário o caráter de debater temas e encenar discussões contemporâneas, tampouco se pode negar sua capacidade de representar as questões humanas e tomar para si o compromisso da denúncia do estado de coisas, em especial em tempos em que opressões se acentuam e resistências se tornam prementes na vida social.

² Referência ao texto de Antonio Candido.

³ A literatura é uma forma elegante de rancor. (tradução nossa)

⁴ Não é algo que surge o tempo todo, mas foi importante na minha formação. (tradução nossa)

⁵ Quero que seja lida como literatura e a literatura não se interessa pela verdade (...) Não há outra verdade senão a verbal para a literatura. (tradução nossa)

Antonio Candido, em “Uma literatura empenhada” (1997), fala de certo caráter da literatura brasileira, sobretudo no espírito do Arcadismo, que é o de “ser consciente de sua função histórica” e não deixa de pontuar as dificuldades apresentadas ao autor, de ser “tolhido no vôo, prejudicado no exercício da fantasia”(1997, p. 26). Em outro texto, *Literatura e sociedade*, volta a esta tensão entre representação e real, e fala da necessidade de se perceber “a relação arbitrária e deformante que o trabalho estético estabelece com a realidade” (2000, p.12). A elaboração da linguagem para constituir o que Negroni chama de “verdade literária” está prevista na relação estabelecida por Candido, entendida, portanto como um processo dialético entre experiência e fazer estético.

A produção de obras para crianças e jovens por vezes parece ignorar as fronteiras entre fazer estético e informar, e este fenômeno pode ser explicado pela proximidade que estabelece com a escolarização. Negar a realidade de escolarização da literatura é de certa forma desconhecer a relação que a instituição escolar trava com os conhecimentos que adentram seus portões – tudo que por ali passa acessará ônus e bônus deste contato. Ocorre que a relação da literatura infantil e juvenil com o compromisso escolar de formação por vezes precede a escolarização e se assume como demanda editorial, e, nesse sentido é preciso pensar os propósitos.

Voltando a Candido, nossa literatura é constantemente visitada pelo tempo histórico em que se insere, como forma ou fundo, e nos últimos anos a necessidade de representatividade das minorias trouxe pautas para as leis, a cultura, os discursos e também para o fazer artístico, do qual o literário não está apartado. Neste texto, tratarei de uma temática ostensivamente contemplada em publicações para crianças e jovens, em especial após o recrudescimento de países europeus, assim como dos Estados Unidos, aos movimentos migratórios. As migrações forçadas apareceram como pauta nas publicações para crianças e jovens, homogeneizadas como “literatura”, mesmo em situações em que o objetivo do texto assentava-se apenas no caráter informativo sobre o tema.

Nestas linhas, pretendo trazer algumas reflexões sobre os limites entre elaboração ética e estética nos textos dirigidos a crianças e jovens, pensando a

partir de três eixos: o literário, o informativo e o paradidático. O reconhecimento do grande avanço na qualidade das obras dirigidas ao público em questão não me permitiu simplificar o debate no sentido de organizar os textos hierarquicamente, mas de compreendê-los em suas especificidades, reconhecendo que há espaço para os diferentes fazeres. Entretanto, a ausência de perspectiva hierárquica não significou aqui relativização de critérios de qualidade, determinados pelos objetivos com a composição da obra.

2. Encontros e desencontros entre literatura e pedagogia

A relação estreita entre contar uma história e ensinar esteve nos primórdios dos contos maravilhosos e populares, que nasceram na oralidade, e tinham propósitos de oferecer ensinamentos. O entendimento de que o narrar também é uma forma de comunicar o mundo esteve presente nos objetivos das formas simples (Jolles, 1976) e avançou para os textos produzidos para as crianças e dirigidos à escolarização, constituindo uma espécie de amálgama entre ensinar e entreter por meio das narrativas, especialmente. Dessa relação histórica nasceram tensões que vez ou outra são postas em debate. A função pedagógica aparece na berlinda quando se fala de literatura infantil porque esta já está prevista nos textos didáticos, e à literatura não cabe essa função.

Ocorre que, tensionando o literário e sendo tensionada por ele, a escolarização acabou por mobilizar fronteiras do literário e apontar para outras possibilidades de produção para além do binarismo inicial literário-didático. As pautas sociais, emergentes nos debates para garantia de direitos às minorias, adentraram a escola e repercutiram em diferentes publicações.

É necessário, entretanto, falar do que bell hooks (2019), tratando das questões de raça, chamou de “comodificação da Outridade”, que consiste na apropriação das pautas sociais pelo sistema capitalista para oferecer ao consumidor certo “prazer a ser descoberto no reconhecimento e na apropriação da diferença racial” (2019, p.63). Estendendo a reflexão de hooks a outros debates, é preciso dizer que o mercado editorial por vezes visa mais à

comunicação de determinados temas do que ao investimento na publicação de obras de qualidade para os públicos infantil e juvenil. E, neste bojo, mirando compras de governo, nem sempre faz distinção entre livro infantil e juvenil e literatura infantil e juvenil.

A formação docente no Brasil ainda encontra muitos impasses no que diz respeito à educação literária, e retroalimenta um sistema em que professores da educação básica, nos cursos de Letras e Pedagogia, não tiveram acesso aos debates sobre literatura e ensino, nem sobre literatura infantil e juvenil – segmento com o qual trabalham nas escolas. A negligência da universidade terceiriza a orientação docente sobre formação do leitor ao mercado editorial e à política de editais de seleção de obras. Tangenciada a formação e secundarizada a autonomia na seleção das obras, o conceito de literatura infantil e juvenil que chega ao docente é o de um texto que subsidie a prática pedagógica, no sentido de complementaridade com os conteúdos didáticos.

Se há espaço para diferentes tipos de produção na escola, desde que bem realizadas dentro dos objetivos a que se propõem, necessário se faz tentar mapear as fronteiras entre esses textos, mesmo que entendamos que qualquer tentativa de contornar formas na escrita hoje – seja a de livros infantis e juvenis ou não – é entender-se lidando com limites moveáveis, dado o hibridismo das formas. Porém, ainda que a tarefa não se esgote ou tenda a se obsoletizar em breve, tentarei traçar alguns limites na relação entre literatura e informação, tendo como ponto de partida o encaminhamento que dão a uma temática emergente nos últimos anos, as migrações forçadas.

3. As migrações forçadas na produção para crianças e jovens

A venezuelana Maria de Los Angeles Lugo Colina (2021), em sua dissertação de mestrado, discorreu sobre a representação do que chamou de “formas de estar lejos”⁶ na produção literária dirigida a crianças e jovens. Analisando

⁶ Formas de estar longe (tradução nossa)

produções contemporâneas, categorizou os tipos de migração e identificou seus modos de manifestação nas obras. Estendendo um pouco as discussões de Colina para além do literário, interessa pensar que outros textos também tematizam o tema e de que forma o fazem.

Mexique, o nome do navio (2020), de María Jose Ferrada, tem como pano de fundo a história de um navio que sai de Bordoux em 1937 com 456 crianças, filhas de republicanos espanhóis, rumo ao México. O que era para ser um exílio temporário tornou-se condição permanente, com a derrota dos republicanos e a eclosão da Segunda Guerra Mundial, e o grupo ficou conhecido como “as crianças de Morelia”. A narração, entretanto, não oferece essas informações, acessadas em um paratexto ao final do livro; o leitor é conduzido pelo ponto de vista de um menino, que relata dúvidas, descobertas e os desconfortos de ser afastado da família. O ajuste da forma à possibilidade de compreensão pela criança exige esforço para não abrir mão da complexidade da obra, ao abordar tema grave, sem fazer conciliação: “A guerra é um ruído fortíssimo./ A guerra é uma mão enorme que te sacode /e te joga dentro de um navio.” (Ferrada, 2020, p. 10). Desconhecida em sua extrema violência, a guerra se torna realidade concreta quando capturada por meio dos sentidos antes de ser nomeada.

Situada, portanto, na perspectiva de uma criança que desconhece causas e possíveis consequências da devastação em que se vê inserida, a narrativa do menino nos oferece apenas indícios, a partir de um olhar inaugural, na tentativa de nomear o que vê. Por meio de uma linguagem que expõe imagens entrecortadas e experiências sobrepostas, a narrativa sobreleva a falta de repertório da criança para nomear o que vive. Depois de adentrar o navio, (“Zarpamos, e os adultos ficam na margem até ficarem minúsculos./ Pais, mães são agora estrelas que olhamos de longe”, Ferrada, 2020, p. 11), sem ter domínio das vontades e até do movimento do próprio corpo, limita-se a acompanhar o movimento do seu e de outros corpos e de dentro da embarcação enxergam o afastamento das famílias. O leitor acompanha o movimento do olhar da criança, numa narração que toma lugar de testemunho do desconhecido, que chega aos olhos: “Fico atrás, mas uma mão me segura./ Uma mão que termina

no corpo de uma menina./ Porque estão os mais velhos e estamos os pequenos./ Os pequenos nos agarramos com irmãs/ que antes não tínhamos.” (Ferrada, 2020, p. 12-14).

Sem ceder a uma atitude de duplicação do narrado, as ilustrações compõem com o texto um conjunto de fragmentos, ora focalizados de perto, ora localizados em conjunto, que também jogam com a ideia de composição em diálogo com fato histórico, afinal são imagens construídas a partir de fotografias das crianças e de traços imprecisos, que as aproximam de desenho infantil.

Em tom poético, encarnado na condensação de imagens e na síntese, *Mexique* é uma obra em que o tema do exílio não se sobrepõe ao fazer estético. As formas de dizer, a localização do ponto de vista, os silêncios calculados desviam o olhar do monopólio temático e faz emergirem outros temas e questões: não interessa o que acontece naquele navio exatamente, mas a singularização da experiência de um ponto de vista infantil.

Em outro lugar está o livro *Dois meninos de Kakuma* (2018), resultado de um projeto de criação coletiva com crianças de um campo de refugiados, da artista franco-brasileira Marie Ange Bordas. Embora seja catalogada como “ficção brasileira”, e tenha sido contemplada com o Prêmio *O melhor para a criança*, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, a obra se divide em duas partes, a ficcional e a informativa. Na primeira, situam-se as histórias de Geedi e Deng, habitantes de um campo de refugiados do Quênia. Geedi, “que em somali quer dizer ‘em movimento’” (Bordas, 2018, p. 9), tem esse nome porque nasceu no campo de refugiados num momento em que a mãe ainda nutria a esperança de ser transitória a condição em que se encontrava, depois de presenciar a morte do marido e ter que fugir da Somália. Já Deng relata que nasceu no Sudão, de lá saiu sozinho, aos oito anos, para fugir da guerra e encontrou outras crianças nas mesmas condições pelo caminho.

As bases da história sustentam a narrativa das crianças refugiadas, e a linguagem simples e de cunho próximo ao jornalístico apropria-se das formas do fazer literário na escolha do ponto de vista e na simulação da quase rara ingenuidade infantil, especialmente na história de Geedi. A opção pelo realismo

na representação é coerente com o propósito de dar visibilidade às condições de vida daquelas crianças e parece tentar responder ao questionamento da criança sobre a passagem de jornalistas pelo local em que vivem:

Kakuma recebe visitas de jornalistas e fotógrafos de todos os cantos do mundo. Não entendo muito bem o motivo da curiosidade dessa gente. Chegam e partem, chegam e partem. Carregados de equipamentos, passam por aqui como um furacão. Fazem perguntas e mais perguntas sobre nossa vida, tiram muitas fotos e gravam vídeos que a gente nunca verá. Eu não quero falar da minha vida para gente estranha. (Bordas, 2018, p. 16)

A passagem acima, apesar de tentar apresentar a perspectiva da criança por meio do ponto de vista em primeira pessoa, não consegue disfarçar o caráter de documentário da escrita jornalística, que não aprofunda particularidades do ponto de vista infantil, como Ferrada o faz, especialmente por meio dos silêncios que traduzem a incompreensão da criança, em *Mexique*. A realidade de Kakuma está ali exposta de forma semelhante à que encontraremos na segunda parte do livro, que se dedica a explicações com dados objetivos sobre a realidade do local e ainda sobre o projeto da autora.

O que confere unidade a essa composição híbrida de Bordas e acentua sua qualidade é o projeto gráfico, construído por meio de um cuidadoso trabalho artístico com fotoilustração, o qual se faz coerente com a proposta documental de crescer-se do olhar infantil, por meio dos desenhos e fotografias das crianças e de suas criações nas oficinas de que participam. Isolados apenas em sua realidade verbal (o que só é possível para entendimento da relação com o tratamento do tema, uma vez que se trata de uma obra híbrida), os textos que compõem cada uma das partes nada teriam de extraordinário a oferecer no ponto de vista de uma análise estética; o trabalho estético concentra-se sobretudo na realidade visual da obra, que encaminha os objetivos de dar visibilidade à realidade de um campo de refugiados, escolhe para isso o ponto de vista infantil e traz ainda um repertório imagético de tamanha força, em que contrastam a dureza da realidade das crianças e a beleza resultante do ponto de vista da fotógrafa e de sua capacidade de compor os resultados com os trabalhos dos meninos.

Já *Valentes: histórias de pessoas refugiadas no Brasil* (2020), de Ariane Cararo e Duda Porto de Souza, assume o ponto de vista jornalístico, de objetivo informativo, com cuidadoso tratamento do tema, a partir de pesquisas embasadas em documentos e demonstradas por meio de infográficos. Na apresentação da obra, as autoras sinalizam o propósito de expor as condições desiguais em que vivem as populações mundiais, intensificadas ainda mais em função da pandemia da covid-19: “As fissuras sociais de países em desenvolvimento foram escancaradas, mostrando que não estamos todos no mesmo barco. Na realidade, estamos – em um mesmo planeta, nossa única casa.” (Cararao & Souza, 2020, p. 9).

No entendimento da necessidade de informar a população, especialmente em tempos de *fakenews* e de ataques às minorias, legitimados pela gestão presidencial de Jair Bolsonaro, as autoras trazem um painel em que são ressaltadas leis do refúgio, principais movimentos migratórios no mundo e suas causas e consequências e ainda um compêndio de narrativas biográficas de pessoas que vieram de diferentes lugares do mundo para buscar refúgio em terras brasileiras. A partir de uma grande pesquisa sobre o tema e de entrevistas, constroem narrativas biográficas que constituem um painel diverso de perfis de refugiados que habitam o nosso território, resgatando suas tradições e as diferentes motivações que os impeliram a deixar suas terras.

Valentes: histórias de pessoas refugiadas no Brasil é uma obra ímpar para a construção de um debate aprofundado sobre a questão das migrações forçadas do ponto de vista das informações sobre um fenômeno tão complexo. O endereçamento da obra ao público jovem se faz não só por meio da linguagem, como também de um projeto gráfico, composto por uma capa atraente, além da distribuição das informações e dos infográficos de modo organizado a conduzir a leitura e equilibrar o conjunto.

4- Arrematar a conversa, sem fechar as portas

Olhadas em breve sobrevoo, as obras trazem perceptíveis diferenças no tratamento do tema migrações forçadas. Na amostra literária, *Mexique*, temos

uma narrativa poética em que o exílio comparece como pano de fundo para os sentidos de abandono e fragilidade do menino, que vai, aos poucos, descobrindo o mundo sem a proteção dos pais. A multissignificância, o campo simbólico, os recursos expressivos do literário fazem emergirem outros temas, que variam, inclusive, de acordo com a leitura de diferentes leitores. As opções da forma retiram o olhar da exclusividade do que se conta. No livro de Ferrada, por exemplo, importam mais as sensações e descobertas daquela criança, em sua tentativa de nomear o vivido, do que a temática do exílio. O literário lida preponderantemente com o propósito estético.

Dois meninos de Kakuma, por outro lado, não esconde seu propósito de informar sobre o refúgio, tanto na narrativa dos meninos, que compõe a primeira parte da obra, quanto na segunda, em que conhecemos dados objetivos do campo de refugiados representado e dos projetos desenvolvidos nele. Ou seja, no texto paradidático, o tema está em evidência, e há certa paridade entre tematizar a questão e apropriar-se da forma narrativa ficcional para representar a história dos meninos. No texto paradidático, portanto, as formas do literário são acompanhadas de propósito informativo, e servem a ele de algum jeito.

Já em *Valentes*, o objetivo de informar é acrescido da oportunidade de aprofundamento de certos debates. Diferentemente do didático, que sobrevoa determinado programa pedagógico, trazendo um cabedal de conhecimentos, o texto informativo vai focalizar um ponto e encaminhar uma mirada vertical, de caráter investigativo, de que Ana Garralón trata como condição para estabelecer vínculo dos mais jovens com a pesquisa: “conhecer um tema com mais profundidade ou, até mesmo, deixar-nos surpreender por um relato que poderá abrir janelas para novos conhecimentos.” (Cararo e Souza, 2020, p.18)

O processo criativo precede a categorização, é certo, mas há decisões no momento de escrever que conduzem a obra a diferentes olhares críticos. Não há problema em categorizar, mesmo o literário cujas formas escapam e hibridizam-se cada vez mais. Contudo, é complexo não reconhecer certo grau de subjetividade, que faz as dúvidas serem em maior número do que as certezas na hora de tratar criticamente uma obra, e o trabalho do crítico também é este:

reconhecer que, em alguns momentos, a criação exigirá recuos nas verdades estabelecidas e demandará construção de outros pontos de vista teóricos.

E por que então categorizar? No meu caso, aponto dois motivos, principalmente: o primeiro é a defesa da leitura de literatura na escola, tão diluída entre os muitos textos que frequentam a escola; o segundo é o reconhecimento de que um bom texto informativo, por exemplo, será julgado de forma depreciativa se não for olhado a partir de pressupostos de metaligagem específicos a seu propósito.

Desde sempre a escrita foi palco de reflexões sobre os pontos de resistência da vida, e não há demérito em seguir esse caminho, nem tampouco obrigação do literário em fazê-lo. Se a opção é dar espaço a debates necessários, é preciso entender que caminho seguir no momento de criar. Quando a criação artística se abre às pautas sociais, deve fazê-lo a seu modo; do contrário, talvez, seja mais honesto seguir os caminhos paradidáticos ou informativos, caminhos necessários à formação escolar e que não devem estar afastados do olhar crítico, para que sejam garantidos critérios de qualidade.

Referências

- Bordas, Marie Ange. *Dois meninos de Kakuma*. São Paulo, Pulo do Gato, 2018.
- Candido, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. São Paulo, Itatiaia, 1997.
- Candido, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo, T. A. Queiroz, 2000.
- Cararo, Ariane; Souza, Duda Porto de. *Valentes: histórias de pessoas refugiadas no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 2020.
- Colina, María de Los Angeles Hugo. *Las migraciones forzadas en la literatura infantil e juvenil: Una propuesta de enseñanza para la humanización*. Araguaína, TO, Universidade Federal do Tocantins. Dissertação de Mestrado, 2021.
- Ferrada, María José. *Mexique: o nome do navio*. Rio de Janeiro, Pallas Mini, 2020.
- hooks, bell. *Comendo o outro: desejo e resistência. Olhares negros: raça e representação*. São Paulo, Elefante, 2019.
- Jolles, André. *As formas simples*. São Paulo, Cultrix, 1976.
- Negróni, María. *El corazón del daño*. Buenos Aires, Literatura Random House, 2022.
- Negróni, María. Entrevista. <https://www.pagina12.com.ar/373900-maria-negróni-a-la-literatura-no-le-interesa-la-verdad#:~:text=Lo%20que%20quiero%20es%20que.que%20pasa%20con%20el%20lenguaje>.